

## **ALGUMAS REMINISCÊNCIAS CAJURUENSES**

Do tempo de criança que foi vivido na (minha) roça cajuruense eu herdei muitas imagens e lembranças, algumas nítidas e outras um tanto quanto já desbotadas. Falarei das coisas que me são nítidas e que povoaram aquele espaço de subsistência por excelência. Para mim, rememorar a roça é ação sublime e carregada de positivas insolências. Penso que não há menosprezo algum na tentativa de se impedir que ocorra amnésia com relação às nossas estruturas sociais e emocionais. Então, neste sentido o que vai aqui é muito pouco, tratando-se de mera amostragem d'um imenso mundo sertanejo onde há muitos segredos e formidáveis gestos que ainda repousam sob a poeira do tempo.

Lá no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru considerava-se que o melhor dia para se colocar uma galinha para chocar era o 04 de dezembro, dia de Santa Bárbara, invocação certa nos dias de raios e tempestades: os pintinhos saíam dos ovos no dia do Natal e os machos se tornariam bons galos músicos! O plantio do arroz, para o bom retorno na colheita, deveria de ser concluído até o dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. O alho, para ficar sadio, devia de ser plantado até a Sexta-Feira da Paixão. As podas de árvores na lua nova de agosto faziam com que elas brotassem melhor e se fortalecessem. Para durar mais, a madeira era cortada nas luas minguantes dos meses sem a letra “r” nos nomes (ou seja: maio, junho, julho e agosto). Recomendava-se não casar em agosto, pois o “mês de agosto é mês de desgosto” e também o “mês de cachorro louco”. Quando um beija-flor entrava em casa, alguma coisa boa iria acontecer ou uma notícia estava para chegar; já para outros, infelizmente, a visita de um colibri era sinal de mau agouro. A cabeça de uma rês (bovina) morta enfiada ainda com os chifres nos mourões dos currais espantava más influências e neutralizava maus-olhados.

Sem médicos quando se adoecia, o jeito era apelar para os chás e credices; contra os maus-olhados, ventos-virados, cobreiros e os sapinhos das crianças havia as benzeduras, panacéias que eram utilizadas com o fito de socorrer alguém que era “ofendido” por cobra venenosa, o que, naquelas lonjuras e sem tratamento adequado disponível, era prenúncio de morte certa. Contra picadas de cobras, de aranhas ou marimbondos, usava-se também uma mistura de urina com fumo de rolo, e muita reza! Acreditava-se que estrear-se com um osso (espinha) de cobra venenosa seria tão fatal quanto a sua picada. As sementes de abóbora descascadas e comidas combatiam os vermes das crianças, especialmente lombrigas. O chá de cabelo de milho era diurético e os banhos combatiam um monte de novidades. Galhos de Arruda serviam para banhar olhos inflamados, espantar feitiços ou maus-olhados. O chá das folhas da Congonha (*Cassina teragua*), planta que deu nome à fazenda que me viu nascer, combatia males dos rins. O chá das folhas do Assa-Peixe (*Boehmeria caudata*) era diurético ou antifebril, e o das flores era sudorífico. O amargoso chá da Carqueja combatia males do fígado, baço ou do estômago. Pelos matos respeitava-se a Imbaúba (*Cecropia pachystachya*), árvore sagrada cujas folhas davam boas lixas; dizia-se que

quando Nossa Senhora e São José fugiram com o Menino Jesus e os perseguidores mandados por Herodes se aproximaram, o menino foi escondido dentro do tronco oco de uma árvore dessas!

Atrás das portas de entrada das moradas era comum se escrever os nomes dos três Reis Magos; as casas possuíam hortas que forneciam complementos indispensáveis à dieta alimentar, especialmente frutas. Havia aromáticas Catingas-de-Mulata (*Stachys recta*) e perfumosas Damas-da-Noite (*Cestrum nocturnum*) que exalavam seus cheiros pelos terreiros, sempre bem varridos com vassouras de Alecrim-do-Campo (*Heterothalamus brunioides*). Como complemento do pomar, cercada por tapumes feitos de bambus rachados e trançados para evitar a entrada de criações, havia formidáveis hortas de couves.

Havia também chiqueiros (pocilgas), e dos porcos, quando abatidos, tirava-se o toicinho (a gordura), as carnes que eram conservadas na gordura (o afamado “confit”, como se diz na França!), lingüiças, chouriços... Nos galinheiros as penosas botavam em ninhos feitos com capim, dentro de balaios. A cozinha era aonde se cozinhava e se comia, mas não servia só para isto, pois nela reuniam-se pela manhã os camaradas, agregados ou mutireiros para saber quais seriam as recomendações do dia; na hora de comer, cada um servia direto nas panelas fumegantes a comida que lhe apetecia (qualquer semelhança com o atual “self-service” terá sido mera coincidência?!). A base da alimentação era o angu (dizia-se que os mais necessitados o comiam por necessidade, e os mais abastados por gosto!), arroz, feijão (mulatinho, roxinho ou do preto, sob a forma de caldo ou de tutu!), carás, inhame, mandioca (servida cozida ou frita!), ovos, derivados do leite, café, broas, mandioca, abóboras, verduras, legumes e carnes, geralmente frangos criados soltos. Ocasionalmente havia doce de leite ou arroz-doce (arroz cozido em leite adoçado, que se serve polvilhado com canela!). Com sorte, algumas caças, ou lambaris fígados no córrego do aterrado, enriqueciam a dieta.

A água, pura e farturenta, vinha de uma bica que ficava a menos de dez metros da casa. À noite, a cozinha servia para a família se reunir em volta do fogão a lenha, com as crianças brincando com as mãos, projetando sombras de animais e “monstros” nas paredes a partir da claridade das bruxuleantes lamparinas alimentadas por querosene; os menores eram advertidos de que “menino que brinca com fogo faz xixi na cama!”. Logo acima do fogão ficava um varal de bambu com lingüiças, lanhos de toucinho, milho de pipoca em espigas amarradas pelas palhas e em duplas, um cacho de bananas, tudo ali encangalhado para ir defumando, amadurecendo ou desidratando lentamente. Quase sempre gatos se aproveitavam do calor no rabo do fogão (os gatos eram “venenos” contra os ratos, assim como as galinhas o eram contra os escorpiões!). Os cachorros, fiéis guardiões patrimoniais, anunciavam os andarilhos e ajudava a campear o gado (dizia-se que quem matasse ou maltratasse um cachorro ficaria devendo alguma coisa para São Lázaro!).

Esta brevíssima exposição é a uma humilde e iniciática tentativa de organizar experiências de outros tempos, expondo-as através de narrativas coesas e coerentes. O

notável Guimarães Rosa já disse que “tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data”. Então, estes fatos comuns a tantos “outros Cajurus” que existem por estas muitas Minas e pela *Terra Brasilis* são frutos das observações d’um menino que vivia sonhando acordado, observando a poesia latente e o cotidiano do sertão cajuruense de outrora. Lá eu admirava o silêncio das campinas e a força dos uivantes ventos penetrando nas grotas. Lá, descompromissado, eu corria livremente pelos descampados, trepava em árvores, cavoucava a terra e ouvia passarinhos enquanto apurava as narinas que mais tarde me serviriam para farejar outros pedaços da vida...



Vista parcial da Fazenda da Congonha – Distrito de São Miguel do Cajuru.  
Foto de Ana Maria de Ávila, janeiro de 1980.

*N. do A.: este texto foi publicado originalmente no **Jornal de Minas** - São João del-Rei – MG, ano XIV, edição nº 245, de 16 a 22 de maio de 2014, p.2.*